CMP2.1.9.2.98-1

ALDO CIPOLATO
RUA MOREIRA CESAR, 52
FONE. 5734 - JUNDIAÍ
ESTADO S. PAULO
BRASIL

Jornalista
da API.

Jundiaí, 10 de novembro de 1971.

Prezado Acadêmico Celso Maria de Mello Pupo
Academia Campinense de Letras

Um abraço jundiaiense!

Cumpro o prometido.

Junto aqui minha apreciação sôbre seu livro CAMPINAS, SEU BÊRÇO E JUVENTUDE. Peço perdão para os "cochilos" da revisão.

Avante, por Campinas e Jundiaí!

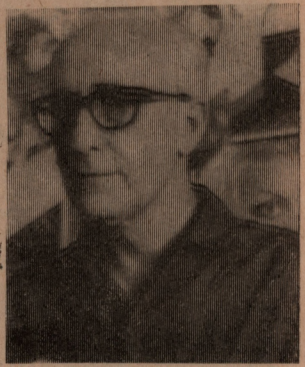
Campinense de coração,

Aldo Cipolato

CMP2.1.9.2.98:2

Leia hoje no JC

A história de Campinas começa em Jundiaí. E' o que conta o jornalista Celso Maria de Mello Pupo em seu livro «Campinas, Seu Bêrço e Juventude», analisado por Aldo Cipolato, na 9



CMP2.1.9.2.98-3

jornal da cidade
(SEGUNDO CADERNO)
JUNDIAÍ

CAMPINAS, NOSSA QUERIDA, NA HISTÓRIA DE JUNDIAÍ

ALDO CIPOLATO

Acabamos de ler e estudar, com grande prazer, CAMPINAS, SEU BÊRÇO E JUVENTUDE, uma importante obra histórica a nós enviada pelo próprio autor, o nosso confrade de lidas jornalísticas, Celso Maria de Mello Pupo, da nossa mui querida cidade de Campinas. Sim, nós amamos a terra campinense, por três motivos: 1.o, porque nossos saudosos pais contrairam matrimônio na sua famosa catedral; 2.o, porque de Campinas saiu o maior musicista das Américas, Carlos Gomes; 3.o, porque os campinenses sempre lutaram por um grande Brasil!

Celso Maria de Mello Pupo é mais que jornalista, é escritor de grandes méritos, historiador apegado ao documento e à verdade. Membro da Academia Campinense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e do P.E.N. Clube de São Paulo. Diretor do Museu Arquidiocesano de Campinas, delegado municipal do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado, é também membro correspondente do Museu Imperial de Petrópolis. Sua bagagem literária é vasta, variada e de grande valor, principalmente no difícil desbravar da História.

Ao tomarmos em mãos o livro em foco, seu título logo nos causou certa estranheza. Bêrço e Juventude de Campinas? Mas ao iniciarmos a leitura de CAMPINAS, SEU BÊRÇO E JUVENTUDE, ficamos inteiramente de acôrdo com o batismo do autor, para esta sua bem acabada obra. O bêrço e a juventude de Campinas nos encantam, mormente a nós jundiaienses que costumamos dizer que Campinas é nossa filha querida... Campinas já foi Jundiaí, lá pelos idos de 1700!

Mello Pupo é senhor de um vernáculo puríssimo. Emprega no seu livro o têrmo justo, e, quando lhe quer dar fôrça histórica, historia-o, para que o sentido seja justo. Quanto se aprende em ler Mello Pupo!

A Academia Campinense de Letras está de parabéns. Já lançou 20 edições, tôdas elas de grande valor, sendo CAMPINAS, SEU BÊRÇO E JUVENTUDE, sua vigésima obra publicada, o que prova que a antiga Terra das Andorinhas, como a saudou Ruy Barbosa, sabe com carinho cuidar do intelecto. Aos acadêmicos campinenses, e, em especial, a Mello Pupo, nossa admiração!

O autor de CAMPINAS, SEU BÊRÇO E JUVENTUDE, dividiu seu livro em três grandes capítulos, pois que conta a História de Campinas pelos seus três grandes ciclos desenvolvimentistas: INFLUÊNCIA DO MILHO, INFLUÊNCIA DO AÇÚCAR e INFLUÊNCIA DO CAFÉ. O que fêz Mello Pupo é trabalho de mestre. Pelos ciclos se estudam o que fizeram os povos. Muito oportuna e interessante é também sua ADENDA, onde estuda com amor e desvêlo a Campinas do passado. As gravuras certas e colocadas no lugar certo, ajudam a entender e a amar o livro de Celso Maria.

Interessa-nos a História de Campinas porque ela começa em Jundiaí. Foi do alto de Piratininga que os nossos primeiros povoadores vieram desbravar o nosso *Mato Grosso* e por aqui passaram os que foram desbravar o *Mato Grosso* de Campinas. Eramos passagem, outrossim, para as terras de Goiás. Nós jundiaienses, que ainda debatemos nossa História, convém-nos ler Mello Pupo. Por isto vamos aqui transcrever em seguida os trechos importantes do seu livro a nós ligados, sem as citações e outros pormenores, por absoluta economia de espaço. Vamos a êles.

"Quem demandava Goiás, deixando Jundiaí, a vilazinha criada em 1655, avançava pela mata, tinha de percorrê-la em jornada longa, cansativa, sem alimentos verdes para a sua tropa exausta que sacrificada seria se não vislumbrasse, a meio caminho da travessia do Mato Grosso, o pouso dos três campinhos, três oásis de verdejantes pastagens, de suculentas forragens nascidas de terras ferazes, ubérrimas e refrescadas pelos regatos de próximas nascentes, constituindo restauradores da caravana estropiada, como clareiras benfazejas a interromper o longo caminhar sombrio pelo coração da floresta. Por isto, Campinho ou Campinas do Mato Grosso".

"Riquezas das mais variadas e preciosas essências jaziam inexploradas. Distavam da vila de Juhdiaí e freguesia de Moji, etc..."

"Eram, portanto, os rios caudalosos, os únicos meios de transporte, em jangadas, das madeiras industrializáveis. O Mato Grosso de Jundiaí, dispondo só de picadas para cargueiros, estava condenado a permanecer em sua abundância, em sua grandeza, em sua beleza incomparável, defendido do machado destruidor pela impotência do homem para explorá-lo".

Nasceu Jundiaí, fêz-se vila; nasceu Moji (Guaçu e Mirim), nasceu Atibáia, nasceu Jaguari depois Nova Bragança, e o Mato Grosso permanecia".

"Foi em 1725 que Bartolomeu Bueno da Silva revelou em Goiás riquíssimas jazidas auríferas; "era da antiga vila de Piratininga, de Itu, de Araritaguaba e de Jundiaí que partiam as bandeiras mineradoras para Mato Grosso e Goiás e as linhas do seu abastecimento e comércio"; Jundiaí, com seu bairro do Mato Grosso, era caminho de Goiás".

"O bairro do Mato Grosso passou, então, a ser transposto pelas multidões saída de Jundiaí e São Paulo, não faltando quem cubiçasse o solo generoso, rico e produtivo, cobiça, porém, desviada para maior fortuna nas minas de Goiás".

"A vastidão da capitania e a sua população pequenina facilitavam aos moradores a escôlha de terras para cultivar; e se o Mato Grosso de Jundiaí, pela resistência que ofereceu aos seus desbravadores, só em meio do setecentismo começou a ser cultivado, pela mesma resistência e pela ausência do campo, não foi êle pastoril mas essencialmente agrícola".

"A transformação de mata em terra cultivável, exigiu dezenas de anos e só foi conquistada vagarosamente; vagarosamente foi o Mato Grosso de Jundiaí sendo absorvido pelas roças, numa penetração lenta para se formar o bairro rural".

"E os assentamentos da matriz de Jundiaí desde 1739, aparecendo os nomes de Barreto Leme e Sousa e Siqueira em 1753".

"Já no primeiro recenseamento, feito em 1767, consignou-se um núcleo populacional denominado bairro do Mato Grosso, dentro da área territorial de jurisdição da vila de Jundiaí".

"A área de jurisdição da freguesia de Jundiaí se confinava com a área de jurisdição de Moji que lhe havia pertencido".

"Isto era o bairro do Mato Grosso de 1767, isolado e circundado por terras devolutas entre Jundiaí e Moji, composto só de habitantes lavradores e tropeiros como se documenta com os preciosos recenseamentos".

"Assim, não se achará fantasia na afirmativa do dr. Ricardo Gumbleton Daunt referindo-se ao capitão Francisco de Paula Camargo que, antes de Campinas ser vila, "serviu em Jundiaí o cargo de juiz de órgãos, e recorda-se que tão ativo era que partia de madrugada de sua fazenda, na Ponte Alta, umas três e meia léguas além de Campinas do lado de Moji Mirim, dava audiências em Jundiaí e vinha ceiar em casa".

"O primeiro recenseamento do bairro (1767) registrou 53 fogos e 265 habitantes, inclusive os de Rocinha; mas não atentaram ainda os estudiosos que Rocinha (hoje Vinhedo) entrou nos recenseamentos do bairro do Mato Grosso das Campinas até a fundação desta, continuando depois destacada, fazendo parte da freguesia de Jundiaí".

"Em 1722 requereram os moradores "entre Jundiaí e Moji Mirim" que "desejavam erigir à sua custa uma capela na paragem chamada Campinas onde tinham valimento espiritual, se não sempre, ao menos em várias ocasiões que por ali se acharem sacerdotes".

"O vigário de Jundiaí não podia ser infenso à ereção de uma capela a mais na sua freguesia; ela não fracionava o seu território; inversamente, vinha enriquecê-lo com mais uma capela".

"Não encontramos motivos para considerar hostis a Campinas estas informações do vigário de Jundiaí que repetiu a expressão "paragem das Campinas", dos seus próprios moradores, e apenas os censurou pelo pouco cuidado com o cemitério, classificando-os, corretamente, de tão pobres que seriam incapazes de construir sua capela. Além de constatar ser deserta a paragem, julgava irrealizável o projeto pela pobreza dos requerentes".

"...transcritos também os despachos e deferimentos do Governador do bispado, enquanto as informações do vigário de Jundiaí ocupam a fôlha 6v. Mas, em nossa análise, deve entrar agora o teor da provisão para a construção da igreja; a primeira petição dos moradores "entre Jundiaí e Moji Mirim", cuja data não se conhece, foi mandada para Jundiaí pelo governador do bispado em 13.9.1772, e informada com presteza pelo vigário de Jundiaí em 25.10.1772, sendo despachada pelo governador do bispado em 5.11, também de 1772, para uma capela de sacerdotes itinerantes como pediam os requerentes; a provisão para a construção foi expedida em 18.1.1773".

"Valorizem-se aqui a interferência e as afirmativas de Frei Antônio sôbre "o grande zêlo de Francisco Barreto Leme por cujo empenho e cuidado conseguiram no ano de 1772 licença do Revmo. Governador do Bispado para erigirem em freguesia a parte desmembrada da de Jundiaí".

"Alcançou a paragem denominada Campinas do bairro do Mato Grosso de Jundiaí, e, ao sul da capitania, a zona de Cananéia".

"Esta preocupação de fundar povoados, que absorvi os cuidados do Capitão General de São Paulo, também explica a transformação do pedido feito pelos moradores "entre Jundiaí e Moji" para construir "uma capela na paragem chamada Campinas", em autorização criando distrito a freguesia acompanhada de determinação para que Barreto Leme fundasse Campinas".

"Porquanto tenho encarregado a Francisco Barreto Leme formar uma povoação na paragem chamada Campinas do Mato Grosso, distrito de Jundiaí, em sítio onde se achar melhor comodidade e é preciso dar norma para formatura da referida povoação".

"O dia da fundação da cidade, instalação do distrito e freguesia, 14 de julho de 1774, foi como conta Frei Antônio na primeira história de Campinas, o dia em que benzeu a matriz provisória, seguindo-se a primeira missa rezada pelo vigário com assistência do presidente do mosteiro de São Bento de Jundiaí e do vigário de Moji Mirim".

...que foi visitado e demarcado o lugar para a nova matriz pelo Revmo. Vigário de Jundiaí em 73 e nisto ficaram até a chegada do Exmo. e Revmo. Sr. D. Frei Manuel da Ressurreição, Bispo desta Diocese", etc.

"O paroquiato de Frei Antônio iniciou-se na fundação de Campinas com a primeira missa aos 14 de julho de 1774 e se prolongou até 16 de novembro de 1778, entregando-se, neste dia, as alfaias ao vigário de Jundiaí, Padre Inácio Pais de Oliveira, e assinando ambos o respectivo têrmo".

"O vigário de Jundiaí, vindo a Campinas, recebeu as alfaias aos 16 de novembro de 1778 e aqui permaneceu até 21 de março do ano seguinte", etc.

"Segundo Paula Leite, e confirmação de Silva Bruno, existia em Goiás melhor qualidade de cana, a "caiana branca" que foi trazida para Jundiaí e Itu em 1809, divulgando-se por Campinas e outras vilas, "provocando verdadeira revolução na vida agrícola".

"Os pousos vistos por Saint'Hilaire em 1817, partindo de Jundiaí, foram os de Capivari, Campinas e Rio Atibáia, na antiga estrada de Goiás".

"As freguesias equivaliam e também eram chamadas de distrito; compunham o têrmo ou território de uma vila, o que hoje chamamos município. A freguesia de Campinas, criada na sua fundação de 14 de julho de 1774, integrava o têrmo da vila, o que hoje chamados município. A freguesia de Campinas, criada na sua fundação de 14 de julho de 1774, integrava o têrmo da vila de Jundiaí, subordinada a um diretor, Francisco Barreto Leme, até seu falecimento em 13.4.1782.

Aos 20.12.1783 a Câmara de Jundiaí oficiou ao capitão general da capitania, comunicando a morte do diretor comandante (ocorrida um ano e oito meses antes) e pedindo a nomeação de sucessor. Mas nada resolveu o govêrno de São Paulo; Campinas fazia parte da terceira companhia de Jundiaí, da qual era capitão Antonio de Siqueira Morais, autoridade à qual se subordinava o barro".

"Em 16.11.1788 remeteu a Câmara de Jundiaí uma lista tríplice, eleita, para que o capitão general dela escolhesse o capitão agregado da "freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas", etc.

"Assim decorreram os anos de 1793 a 1797, quando a Câmara de Jundiaí representou ao Capitão General, dizendo que êste Ferraz de Campos "se embriaga até cair, não guarda segredos, protege desertores e tem cárcere privado", etc.

Sob a sua presidência e com a assistência do juiz ordinário e vereadores de Jundiaí, de cuja juirisdição desligava-se Campinas com outorga de sua plena autonomia, presentes "o clero, nobreza e povo", fêz-se a ereção, levantou-se o pelourinho e demarcou-se o paço, em 14 de dezembro".

"Em 1773 o vigário de Jundiaí demarcou o lugar para construir-se a primeira igreja de Campinas".

"Campinas teve uma grande escritora, que foi Júlia Lopes de Almeida, relatando sua mudança, quando menina, do Rio, em formosa crônica. Conta ela sua viagem pelos nos de 1870, em "diligência desengonçada", partindo de Jundiaí".

"A primeira visita imperial à província, fizeram-na os soberanos em 1846; vindos por Santos, chegaram a São Paulo em 26.2, aqui ficando a Imperatriz, em casa do brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, no Largo do Braz, em frente à matriz, quando o Imperador partiu com destino à Cotia, São Roque, Sorocaba, Pôrto Feliz, Campinas e Jundiaí".

"Nos dias 28 e 29 assistiu S.M. a suntuosas cavalhadas e na manhã do dia 30, tendo saído de Campinas, almoçou no sítio denominado Capivari, e chegou à uma hora da tarde à vila de Jundiaí".

Tudo isto é CAMPINAS, SEU BÊRÇO E JUVENTUDE. Livro que deleita, ensina e esclarece, só nos resta apertar a destra de seu ilustre autor, com um nosso grande e jundiainíssimo abraço.

Deus te salve, nossa querida e gloriosa Campinas de 1971. Sois poderosa, magestosa e bela; sois o progresso em marcha; sois o bom combate, por São Paulo e pelo Brasil!